

REPRESENTAÇÕES DO DIABO EM ACERVOS DE ARTE E CULTURA POPULARES DE MUSEUS BRASILEIROS

Vânia Dolores Estevam de Oliveira
vania_de_oliveira@ufg.br

Resumo

As representações do diabo sempre despertaram e continuam a despertar tanto medo quanto curiosidade. A arte, em suas diversas vertentes, as tem representado. A chamada arte erudita europeia produziu, particularmente no Renascimento, e vem produzindo mesmo nos tempos atuais, representações que referendam a construção perpetrada pela civilização judaico cristã do demônio como metáfora do mal. Alimenta-se assim o medo das coisas maléficas, pelo uso e manipulação de símbolos negativos. O diabo vem sendo utilizado como um dos mais fortes desses símbolos. Este artigo discute o tema das representações do diabo nos acervos de arte e cultura populares em museus brasileiros, começando por rever alguns conceitos e preconceitos em torno da inserção desse segmento na categoria arte, e do porquê tal tema nos estudos de performances culturais. A seguir, abordaremos a oposição bem e mal, que deu origem à criação da figura do diabo no imaginário humano, sobretudo ocidental, como a conhecemos hoje. Finalizaremos por descrever as representações encontradas até o momento nos acervos de alguns museus brasileiros.

Palavras chave: diabo; performances culturais; acervo museológico; museu

Abstract

The representations of the devil have always awakened and continue to arouse both fear and curiosity. Art, in its various aspects, has represented them. The so-called European erudite art has produced, particularly in the Renaissance, and has produced even today, representations that refer to the construction perpetrated by the Christian Jewish civilization of the devil as a metaphor for evil. Fear of evil things is fed by the use and manipulation of negative symbols. The devil has been used as one of the strongest of these symbols. This article discusses the theme of the representations of the devil in popular art, beginning with reviewing some concepts and prejudices about the insertion of this segment into the art category, and why include this theme in cultural performance studies. Next, we will address the opposition well and bad, which gave rise to the creation of the figure of the devil in the human imaginary, especially Western, as we know it today. We will conclude by describing the so far representations found in the collections of some Brazilian museums.

Key words: devil; performance studies; museum collection; museum

E as ideias do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o DubaDubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-quediga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...
(Guimarães Rosa 1984, 31)

Introdução

Com todos esses nomes grafados em maiúsculas, na epígrafe, o personagem Riobaldo menciona o diabo. Será um sinal de respeito do autor, de admissão de sua existência, desdizendo o que seu personagem afirma? Em outras páginas de “Grande Sertão: Veredas”, também pela boca de Riobaldo, novos nomes são informados: “o Outro – o figura, o morceção, o tunes [...] o debo, o carochó, o mal-encarado, aquele – o-que-não-existe!” (ROSA 1984, 231), ou ainda “o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira” (ROSA 1984, 321).

O diabo é personagem que, aceitando-se ou não sua existência, povoa os medos e a imaginação dos humanos desde épocas imemoriais. Diz-se até que é o verbete de dicionário com maior número de sinônimos. Não se confirmou isso mas, como exemplo, citem-se os seguintes, colhidos em dicionários online: “tentador, satã, serpente, anjo mau, cornudo, maligno, mau, chifrudo, malvado, tinhoso, cão, tendeiro, demônio, satanás, príncipe das trevas, maldito, pai do mal, mafarrico, jurupari, canhoto, cão-tinhoso, anjo das trevas, belzebu, Lúcifer” (DICIONÁRIO 2015).

No Dicionário Aulete Digital (2015) foram colhidos os seguintes termos: Satanás, o Diabo, Lúcifer, Arimã, Belial, Zamiel, Belzebu, príncipe das trevas, Pedro Botelho, Asmodeu, diabrete, diacho, taneco, o tentador, a serpente infernal, o dragão infernal, o príncipe do ar, o autor do mal, o espírito de sedução, anjo das trevas; pai do mal, pai da mentira; o espírito mau, o espírito imundo, o espírito maligno; o inimigo; espírito do mal, gênio do mal; tinhoso, o grão-tinhoso (pop.), cão-tinhoso, carochó, demo, íncubo, súcubo, dragão infernal, mafarrico, manfarrico, anjo das trevas, o príncipe deste mundo, o gênio do mal, belzebu, o coisa à toa, serpente maldita, o príncipe dos demônios, a velha Serpente, não sei que diga, monstro infernal, maligno, mofino, o anjo dos abismos insondáveis, o inimigo (comum), bruxo do inferno, o beçudo, bode preto, capeta, o espírito maligno, o porco sujo (pop.), o tentador, tição, rabudo, tinhoso, capirote, careca, pé-cascudo, coxo, coisa ruim, demo, demonarca, demonázio, diabo, espírito imundo; anjo

rebelde, anjo decaído, anjo mau, anjo das trevas; as potestades do Averno, as potências do inferno, fute, gadelha, labrego, lobo infernal, demônio. Da mesma forma, o diabo povoa os provérbios e expressões populares:

A cruz nos peitos e o Diabo nos feitos/ O homem é o fogo e a mulher é a pólvora (ou a palha), vem o Diabo e sopra/ Quando o Diabo reza é porque ele quer enganar/ Quando Deus dá a farinha, o Diabo rasga o saco/ Com mulher de bigode, nem o Diabo pode/ Cada um na sua casa e o Diabo não tem o que fazer/ A tristeza é o aboio de clamar o Diabo/ *Mente vazia é a oficina do Diabo/ Quando um homem dança com uma mulher, o Diabo está no meio/ Muitos diabos-te-levam botam uma alma no inferno/ Gente pobre é com quem o Diabo faz a feira/ O cão matou a mãe com uma espingarda sem cano, descarregada/ Mula estrela, mulher faceira e boi de arroeira, o Diabo que queira/ No cruzado do sovina, o Diabo tem pataca e meia/ A quem Deus não dá filhos, o Diabo dá sobrinhos/ Quem Diabos compra, diabos vende/ Pra se ver o Diabo não é preciso sair de casa/ De quem o Diabo leva os dentes, Deus alarga a goela/ O homem é um canalha que traz a vara do Diabo entre as pernas/ Pra encontrar o Diabo não é preciso fazer madrugada/ Quem faia no Diabo olha para a porta/ Tão bom é o Diabo como a mãe do Diabo/ O Diabo atenta e o ferro entra/ O Diabo não faz graça para ninguém rir/ O Diabo quando tem fome come moscas/ O Diabo tem duas capas/ A gente trabalha pra Deus, pra si e para o Diabo/ A quem o Diabo torna uma vez, sempre fica o feito/ Quando o gosto é do defunto, o Diabo carrega o enterro/ Depois que o Diabo come chegam as colheres/ O Diabo ajuda a família toda/ O Diabo tanto buliu com a venta da mãe que a venta ficou torta/ Quem é burro pede a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue/ Bom com Deus, bem com o Diabo (SOUTO MAIOR 1975).*

O diabo também integra a galeria de personagens de inúmeras manifestações populares, como a Folia de Reis, o Bumba-meu-Boi, e o Carnaval. No Pastoril, por exemplo, aparece tentando desviar as pastoras de seu intento, que é reverenciar o Menino-Deus (SOUTO MAIOR 1975). Trata-se, portanto, a figura demoníaca de um tema muito frequente na cultura brasileira e de grande interesse para os estudos culturais.

Este artigo traz as primeiras reflexões resultantes do projeto de pesquisa de pós doutoramento¹ intitulado "Performances e representações do diabo nos acervos de cultura popular de museus brasileiros" e, como soe acontecer, o tema está longe de ser esgotado e a pesquisa ainda oferece muitas possibilidades de desdobramentos, em muitas frentes possíveis.

As representações do diabo, desde suas primeiras formulações - posto que não seja algo dado – sempre despertaram e continuam a despertar tanto medo quanto curiosidade. A

¹ Estágio de pós doutoramento realizado no Programa de Pós Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pela Profa. Vânia de Oliveira, sob a supervisão do Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima.

Arte, em suas diversas vertentes, as tem representado. A chamada arte erudita europeia produziu, particularmente no Renascimento, e vem produzindo mesmo nos tempos atuais, representações que referendam a construção perpetrada pela civilização judaico cristã do demônio como metáfora do mal. Alimenta-se assim o medo das coisas maléficas, pelo uso e manipulação de símbolos negativos. O diabo vem sendo utilizado como um dos mais fortes desses símbolos.

Já na Arte Popular, vê-se uma representação mais jocosa e desvinculada da função de amedrontar do diabo veiculada pelo catolicismo oficial. No universo da cultura popular é enfatizado o aspecto risível do personagem, passível de pactuar acordos com os seres humanos e ser facilmente engabelado em trapaças (LOURENÇO, 2009) e vencido pelos seres do mundo angelical. São muito frequentes representações da luta pela alma humana entre o capeta e o anjo, como na escultura figurativa em barro da disputa pela alma do bêbado (figura 1). Na literatura de cordel, é vasta a escrita de folhetos tendo o diabo como mote, gerando mesmo, o que se convencionou denominar um dos temas clássicos, segundo Orígenes Lessa (1955). Nesse tipo de literatura, geralmente o personagem leva a pior, como na "Estória de João Cachaça, o Homem que Assombrou o Diabo" (SILVA, S/D). Naturalmente que discutir o ridículo e vulnerável da figura diabólica, além de possibilitar leituras e enfoques os mais diversos, é leve e divertido.



Figura 1 - "Anjo e demônio com o morto", de José Caboclo (anterior a 1966). ACERVO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE - FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

Durante o pós doutorado foi oferecida uma disciplina no PPGARTES, na linha de pesquisa "Arte, Cognição e Cultura", denominada "Arte Popular nas Coleções de Museus", tendo como ementa: colecionismo, percursos, performances e representações artísticas nas coleções de museus, com ênfase na musealização dos bens culturais relacionados às expressões e manifestações da cultura popular. Visando a atender aos propósitos da pesquisa em pauta, optou-se por definir o foco das abordagens na musealização do mal, com ênfase nas representações do diabo nas coleções museológicas de arte popular. As leituras e reflexões com os discentes no desenrolar da disciplina foram fundamentais para o desenvolvimento de ideias contidas neste artigo², em que pretendemos discutir o tema das representações do diabo na arte popular, começando por rever alguns conceitos e preconceitos em torno da inserção desse segmento na categoria arte, e do porquê tal tema nos estudos de performances culturais. A seguir, abordaremos a oposição bem e mal, que deu origem à criação da figura do diabo no imaginário humano, sobretudo ocidental, como a conhecemos hoje. Finalizaremos por descrever as representações encontradas até o momento nos acervos de alguns museus brasileiros.

Antes de tudo, há que se fazer uma reflexão profunda sobre a categoria diabo. Ela está impregnada de preconceito e, nem sempre, as descrições museológicas levam isso em consideração. As barcas de Exú, do baiano Tamba, assim como os Exús de Chico Tabibuia, participam dessa categoria. Como classificá-los? O diabo remete a um sistema de crença que é muito específico do catolicismo. Os exús estão referidos às religiões afro, como o candomblé e a umbanda e nada têm a ver com a representação do mal que o diabo representa. A questão é muito complexa e não podemos reduzir todas essas representações, condensando-as na figura do diabo, capeta, demônio, mal. A não ser que estejamos deixando de lado o relativismo e adotando o etnocentrismo próprio das visões particulares.

Como lidar com a categoria diabo sem cair no etnocentrismo?

Lembre-se que museus são responsáveis pela seleção e pela permanência do que não deve perecer. Como, via de regra, são instituições voltadas para a memória do poder, como já apontou Mário Chagas (///), em geral é essa mesma memória do poder que vemos

² Aprende-se muito ao ensinar. Nossos agradecimento pelas contribuições a Luiz Carlos Silva Guimarães e Wesley Fontenele Frota.

selecionada para não perecer. Com isso, são fortalecidos os preconceitos que combatem as ideias que não se querem ver prosperar e frutificar, como o culto a Exu. Então, não estamos deixando de lado o relativismo mas abordando acervos que foram, em grande medida, reunidos sob um enfoque etnocêntrico. As preocupações com a diversidade cultural e as diferenças de opiniões são fatos bem recentes na Museologia. O relativismo poucas vezes esteve presente na formação das coleções museológicas, pautadas pelo caráter original de suas peças, riqueza do material e nobreza de sua procedência. Mesmo os museus de temática popular que, por isso mesmo, vem mostrando outras artes e outras memórias que muitas vezes fogem ao padrão elitista dos acervos tradicionais, não escaparam à visão etnocêntrica predominante até pouco tempo no mundo dos museus. A proposta, tanto da pesquisa quanto deste artigo em particular, é também questionar algumas classificações museológicas, que acabam por referendar posturas deturpantes e preconceituosas, sobretudo em relação às religiões de matriz africana. O exemplo da alteração da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste, que será narrada mais adiante, aponta para novas posturas e visões na e sobre a Museologia.

Arte, Arte Popular e Performances Culturais

Inicialmente, surge sempre a pergunta: o que é Arte e o que é Arte Popular? Arte Popular é verdadeiramente Arte? Há diferenças entre os dois conceitos de Arte? Ou seria mais apropriado aplicar a denominação de artesanato para as obras de arte de origem popular? Várias questões, conceitos e preconceitos que precisam ser abordadas antes de prosseguir. Em primeiro lugar, um desafio é posto: conceituar arte popular. Dos dois termos, o mais simples à primeira vista, parece ser o termo popular. Arte, no entanto, não é também um conceito de fácil compreensão e de definição unanimemente aceita. Quando juntamos os dois termos temos então um problema epistemológico ainda maior. Começemos pela arte que é, por si só, um dos mais complexos e indefiníveis conceitos. Como sugere Kosuth (2006): "parece que não se reconhece o fato de não haver nenhuma 'verdade' a respeito do que é arte". O status de arte à uma produção é dado pelo artista, isto é, "é uma apresentação da intenção do artista, ou seja, ele está dizendo que um trabalho de arte em particular é arte". É o mesmo Kosuth quem esclarece que "o fato de ele [o trabalho] ser arte é uma verdade a priori (foi isso o que Judd³ quis dizer quando declarou que "se alguém chama isso de arte, é arte")". E finaliza, para que nossas incertezas se perpetuem:

³ O autor se refere ao artista norteamericano Donald Judd (1928-1994).

"A única exigência da arte é com a arte. A arte é a definição da arte" (KOSUTH 2006, 219-226).

Já o termo popular, que em si combina múltiplas acepções, não é tão óbvio quanto a priori pode parecer. Quando aplicado a uma pessoa, significa que é muito conhecida, famosa, benquista entre seus pares; referida à música designa genericamente as determinadas tendências rítmicas e melódicas identificadas na música brasileira, sendo então nomeada MPB (música popular brasileira); quando utilizamos o termo para designar o que é oriundo do povo, seu significado remete aos conceitos de nação, nacionalidade e nacionalismo. Por exemplo, "quando falamos que certos costumes são comuns ao povo brasileiro, que certas características expressam o povo brasileiro, que certos valores são próprios da cultura do povo brasileiro" estamos atribuindo ao termo uma conotação de "totalidade - o povo brasileiro, incluindo aí todas as pessoas que foram nascidas no Brasil, ou adotaram o país como sua pátria" (LIMA 2010, 2).

No entanto, essa aplicação do conceito muda ao nos remetermos ao universo da arte. O povo brasileiro deixa de ser uma totalidade quando falamos em arte popular e arte erudita. Nesse contexto, operamos com categorias que distinguem, e podem mesmo distanciar, aqueles que integram ou se identificam por questões de ideologia às camadas dominantes, a elite, daqueles que participam dos extratos menos favorecidos da sociedade, o povo, uma camada específica da sociedade num sentido bem mais restrito que o referido quando está em questão a totalidade da nação (LIMA 2010, 2)⁴.

As diferentes denominações para as variadas formas de arte são fruto de preconceitos ocidentais que aliam o trabalho manual às camadas mais pobres e menos instruídas da sociedade. Assim como a divisão entre artes maiores e artes menores, que uma vez se estabeleceu no ocidente, uma parcela do mundo ainda divide a arte em erudita e popular. Outra parcela de pessoas advoga que esta última modalidade não deve ser considerada arte, e sim artesanato. Essas classificações, se analisadas mais atentamente, revelam ideologias e sistemas com divisões de classes muito arraigados, que necessariamente vão associar o trabalho manual, fazer meramente mecânico, repetitivo, reservando aos mais favorecidos economicamente a capacidade de pensar, sentir e criar.

Entendemos, no entanto, que arte e artesanato são conceitos muito diversos, e por ser assim, propõe-se que

Se reserve o termo artesanato para se referir ao processo de produção do objeto, à tecnologia que, predominantemente, executada com as mãos, dá forma ao objeto, independente do

⁴ Para aprofundamento dessa conceituação, Cf. LIMA (2009).

fato de serem mãos eruditas ou populares. Desse modo, tanto a rendeira de bilros e o oleiro quanto o escultor e o pintor consagrados, para realizarem seu trabalho, lançam mão de uma tecnologia na qual o uso das mãos é da maior importância. **E eles são artesãos** (LIMA 2009, 103).

Por outro lado, todos eles usam suas representações, suas capacidades de abstrair e formular símbolos quando estão criando. São todos igualmente artistas.

Neste texto nosso olhar será dirigido para as representações do diabo na arte popular presente nos acervos museológicos brasileiros e falar dessas representações como performances culturais. Primeiramente porque os estudos das performances baseiam-se numa metodologia de análise interdisciplinar e visam ao "entendimento das culturas através de seus produtos 'culturais' em sua profusa diversidade" (CAMARGO 2013, 1), esclarecendo qual sua gênese, estrutura, características e tendências e como são elaboradas, experienciadas, percebidas e afetadas pelos grupos sociais que as produzem.

As Performances Culturais colocam em foco determinada produção cultural humana e, comparativamente, a partir dela, em contraste, procura entender as outras culturas com a qual [sic] dialoga, afirmativamente ou negativamente. As performances culturais a serem examinadas devem ser também entendidas como uma concretização da auto percepção e da auto projeção dos agentes desta cultura, do entendimento que estes fazem ou constroem de si mesmo, determinando e sendo por eles determinados. A grama do "terreno" do vizinho não é apenas mais verde, mas também manifesta-se de forma diversa e solicita todos os pontos de vista na observação desses dois terreiros (CAMARGO 2013, 2).

Ora, falar das representações do diabo, uma criação/produção cultural humana, nos acervos museológicos requer os "pontos de vista" e o concurso de diversas áreas do saber, a começar pela museologia, passando necessariamente pela antropologia (o que toca logo de partida no conceito de representação), pela religião, pela filosofia, história e arte, para ficarmos nos limites permitidos a um artigo acadêmico. Essas representações encontradas nos acervos dialogam com as instituições religiosas e políticas, com as condições socioculturais de suas idealizações/construções, tanto do momento em que foram feitas, como nos diversos contextos em que foram e vem sendo reapropriadas, ou expostas, no caso específico dos museus. Ou seja, falar dessas representações é falar das suas performances culturais, no plural, porque sempre múltiplas

O diabo como representação do mal

Para focar a figura do diabo temos que começar por discutir o conceito de mal, ao qual a figura parece estar relacionada desde seu nascedouro. Não se fará aqui uma abordagem do mal na Filosofia, já que o tema que sempre interessou aos pensadores ocuparia em si mais do que o permitido em um artigo de periódico⁵. Buscaremos por ora refletir sobre o conceito de mal no contexto religioso, posto que é neste que se inserem, predominantemente, as representações do capeta nos acervos museológicos.

Alguns pensadores como Paul Ricoeur, Adorno e Lévinas, defendem que o mal, além de indefinível, é irrepresentável (JEHA 2007). As religiões, ao contrário, representam-na na figura do diabo, alimentando-a no imaginário dos fiéis, e estabelecendo modelos, como feito pela igreja católica para artistas que patrocinou. Contudo, esse tipo de representação é bem mais recente do que se poderia supor.

A História e a Arqueologia não são ricas em evidências da existência de um ser que personificasse o mal e seus atributos entre os vestígios deixados por povos muito antigos. Antes da invenção da imagem do diabo como representação ou personificação do mal, conforme o conhecemos hoje, bem e mal habitavam igualmente a constituição humana, segundo o que preconizam as religiões orientais mais antigas do mundo. O budismo, a vedanta, o hinduísmo, o jainismo, assim como nos sistemas de representação dos povos mais antigos da Oceania não existe um ser único e isolado que incorpore as coisas do mal. Os deuses dessas religiões, da mesma forma que todo o conhecido panteão grego e romano, apresentam características e comportamentos ambivalentes, tanto bons quanto maus. Egípcios da antiguidade possuíam uma corte de demônios, mas não um deus em especial. Entre os celtas, mais à frente no tempo, também não existe a dicotomia bem e mal, mesmo havendo demônios, ou seres responsáveis pelos acontecimentos nefastos e emoções maléficas. É também entre os celtas que encontramos Cernunos, divindade cornuda, associada ao mundo inferior, à fertilidade e à colheita. Esse deus pode ter influenciado a futura concepção do Diabo possuindo chifres (MESSEADIÉ 2001). Da mesma forma, nas religiões de matrizes africanas, principalmente as praticadas no Brasil,

⁵ Aos que se interessarem pelo assunto, recomendamos iniciar pelas sugestões do Prof. Dr. Paulo Petronilio: "essa dicotomia [bem/mal] está presente nos diálogos de Platão, quando fala dos mundos sensível e inteligível, e nos medievais que foram fortes nessa dialética do bem e mal, como Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino" (em conversa via Whatsapp no dia 17 de setembro de 2016), a quem deixamos aqui os agradecimentos.

não existe essa separação entre bem e mal e deuses e orixás possuem igualmente características positivas e negativas.

Messeadié (2001), que utilizamos como uma das principais referências para situar historicamente nosso objeto de estudo, conclui em sua longa pesquisa sobre o assunto, que a figura do diabo como centralizador do sentido e executor do mal, foi concebida na Pérsia, provavelmente no século VI a.C.. Segundo o autor, foi no Zoroastrismo ou Mazdeísmo, a religião fundada por Zaratustra (Zoroastro para os gregos), que o mal foi personificado e centralizado na figura de Arimã, em contraposição ao bem, representado pelo deus único Ahura Mazda. Arimã, ao que tudo indica, foi o protótipo do diabo moderno. Não por acaso, o Zoroastrismo difundiu-se e influenciou de tal forma o Ocidente, que se tornou a base comum sobre a qual se apoiam as religiões monoteístas que viriam depois, notadamente o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo (MESSEADIÉ 2001).

O Cristianismo, sobretudo, em sua ascensão e expansão pelo mundo ocidental alimentou e moldou ao longo dos séculos a figura do diabo segundo a forma difundida até hoje. Na Idade Média verifica-se grande ênfase na influência maligna do demônio sobre as vidas humanas, explicando os comportamentos fora do padrão aceito e permitido pela elite feudal e pela Igreja que lhe dava sustentação ideológica e política. Contudo, no seu início, o diabo era personagem burlesco e popular, quase obrigatório no teatro da época (BAKTHIN 1987).

Com o passar dos séculos, os cultos ditos pagãos foram alcunhados de bruxaria e, segundo a igreja católica, os loucos e acometidos por doenças contagiosas, sem cura conhecida na época, como a hanseníase, homossexuais e mulheres com comportamento sexualmente liberado, eram vítimas de 'possessão demoníaca'. Os deuses dos cultos 'pagãos', como os celtas, tiveram suas representações artísticas adulteradas para reforçar a imagem que se forjou ao longo dos séculos, e cuja versão mais corrente configurou-se no século XII: em forma humana, tendo o corpo peludo, orelhas pontiagudas, patas de bode, chifres, longa cauda e língua bifurcada como os ofídios (NERET 2003 apud ALMEIDA 2004, 6).

Contudo, ao contrário do que se difunde, foi no Renascimento que a figura do diabo foi mais representada pictórica e esculturalmente, com as conotações nefastas e formas assustadoras com que passou a ser divulgada (MENOM 2008, 219), para alimentar o

medo nas multidões, como fonte e combustível de poder e domínio sobre as massas populares. Como também defendem outros autores, a exemplo de Messeadié (2001) e Muchembled (2001), Delumeau (2001) afirma que

contrariamente ao que acreditaram Stendhal e muitos outros depois dele, foi no começo da Idade Moderna e não na Idade Média que o inferno, seus habitantes e seus sequazes mais monopolizaram a imaginação dos homens do Ocidente (DELUMEAU 2001, 247).

Não por acaso é a partir do século XIV que se instaura o período de maior perseguição da Inquisição. Da satanização da mulher, dos loucos e diferentes dos moldes socialmente aceitos (ou *queers*, na linguagem de hoje), somaram-se também os judeus, e os negros, como representantes diretos das cortes infernais. Desde o Renascimento, em muitas das representações, o diabo é descrito ou figurado com a pele negra, reforçando temores pela figura grotesca e aterrorizante que exala enxofre por onde passa.

Sobre esse aspecto em particular, vale esclarecer que “esse tipo de associação, no entanto, não chega a ser exclusividade do cristianismo”. A associação à cor negra, foi encontrada em representações de entidades do mal ou do reino dos mortos desde a Antiguidade. Em geral, quando representadas, as divindades dos cultos 'pagãos' figuram como seres negros, a exemplo de Anúbis, deus que conduzia os mortos ao mundo inferior, no Egito Antigo. Menom pontua também que “ao se ler algumas das histórias orientais das Mil e uma noites, por exemplo, percebe-se que alguns gênios malignos são negros, enquanto outros, benignos, são brancos” (MENOM 2008, 225). A Igreja Católica apossou-se dessa imagem para associar a cor negra a tudo que era pagão e, por desdobramento, tudo que era pagão como se provindo do diabo. Isso contribuiu em larga medida para implantar e fazer crescer o preconceito contra os negros das sociedades cristãs ocidentais, sobretudo nos países em que foi forte o tráfico de africanos para alimentar os regimes escravocratas das colônias (MENOM 2008).

No Brasil, o diabo chega com o colonizador português e com o apoio da Igreja. O ser de aparência horrenda serve para explicar as intempéries de uma natureza tropical imprevisível, de ameríndios com hábitos estranhos (como a nudez e a antropofagia), das práticas religiosas idólatras e ameaçadoras do jugo católico sobre as almas, e das imposições da coroa portuguesa acerca do direito aos corpos das pessoas. O diabo serve

então como luva para encarnar toda a culpa pelas diferenças culturais tidas como abomináveis.

Valendo-se dos autos teatrais como um forte recurso didático-pedagógico, ao demônio são então associados – embora com certo sarcasmo e humor -, os infortúnios, as figuras lendárias e hábitos culturais indígenas, como a poligamia e a antropofagia. O diabo torna-se forte aliado da catequese dos jesuítas e funciona como elemento de coação e doutrinação (MENOM 2008, 223).

Na atualidade, apesar de enfraquecido pelas ideias do Racionalismo de Descartes e do Iluminismo de Spinoza, Locke e Voltaire, pelas sucessivas revoluções políticas e sociais - da Revolução Francesa, passando pela Revolução Industrial e, mais recentemente, pela sexual -, e pelo conseqüente enfraquecimento do poder da Igreja, o diabo continua a servir a interesses diversos.

Por um lado, compõe personagem com forte apelo popular aos eventos da "sociedade do espetáculo"⁶ do mundo globalizado. Ele é hoje protagonista de filmes, videogames, peças publicitárias, letras de raps e rock *heavy metal*, histórias em quadrinhos etc., como qualquer outra mercadoria pronta para consumo, como as canções da música popular brasileira (MPB). Quem resiste ou tem medo da delícia de canção que diz "Lua de mel/Mamam mamãe/ Eu tô em lua de mel/Eu tô morando num pedaço do céu/Como o diabo gosta"⁷.

No âmbito religioso, ainda serve a imagem do diabo para controlar as massas sob o regime do medo. Agora não mais tão fortemente pela Igreja Católica. Já que o filão do mal parece ter se esgotado, acentua-se a hipótese de que a igreja católica vem focando sua ação na concepção do bem, na figura de Jesus e de Nossa Senhora, e no seu poder de intercessão pelos seres humanos arrependidos de seus pecados e/ou necessitados de suas graças. Hoje, são as religiões evangélicas, notadamente as neopentecostais, que estariam se utilizando fartamente da figura do capeta. Nos cultos dessas igrejas, muitas vezes televisionados, verifica-se a incorporação de muitos elementos mágicos, como águas milagrosas, rosas,

⁶ Sobre o conceito de sociedade do espetáculo Cf. Débord (1997).

⁷ Referência à canção "Lua de Mel", do Lulu Santos (1984) do álbum Tudo Azul. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HfBnNQKHxM>>. Acesso em 13 abr. 2017.

sal grosso, amplamente distribuídos, ao lado de ritos de exorcismo, comuns na Idade Média, para libertação dos fieis da pernicioso e traiçoeira influência do demo. Percebe-se nesses eventos religiosos maior exaltação e fortalecimento da figura do diabo e do seu poder maléfico, do que a exaltação a Deus (MARTINS 2015). Tanto que observa-se em algumas religiões que antes utilizavam a denominação, a substituição do termo diabo, ou Satanás, pelo termo mal, como a Igreja Messiânica, pelo menos no seu ramo brasileiro, o que parece uma espécie de reação a esse fortalecimento.

Cabe observar que isso vem se refletindo no mundo da arte popular. Muitos artistas brasileiros, convertidos às religiões evangélicas, estão deixando de lado a temática de santos, santas e diabos, que tantas obras produziu entre os mestres santeiros populares, em obediência ao preceito de não adorar ídolos, e isso inclui a criação de esculturas e pinturas que os representem. Assim, a representação do diabo vem assumindo os perfis e papéis que lhe convém ao longo da história.

Caso ilustrativo ocorreu com Chico Tabibuia⁸, artista e praticante da umbanda, que, entre suas obras, elaborou esculturas de Exu macho e fêmea. Quando se converte ao evangelho, depara-se com um impasse: como um evangélico esculpe figuras de Exu? Como vai resolver tal impasse, uma vez que de sua arte tira seu sustento? Ele então se justifica com o pastor de sua igreja, dizendo que cada escultura de Exu acaba por aprisionar uma dessas entidades, que antes estava solta atentando as pessoas. O pastor aceita, desde que o dízimo relativo às vendas desses exus seja repassado à igreja...

Veremos a seguir como o diabo vem sendo representado nos acervos de arte e cultura populares brasileiros pesquisados.

Representações artísticas do diabo nos acervos museológicos e primeiras observações sobre o acervo encontrado

Longe de pretender uma análise exaustiva dos acervos museológicos nacionais, até porque seria enorme o tempo requerido para tal, optamos por trabalhar com algumas das mais representativas instituições do gênero no país.

⁸ Francisco Moraes da Silva (1936, Casimiro de Abreu, RJ - 2007, Barra de São João, RJ), ou Chico Tabibuia, com ficou conhecido.

Como no espaço de um ano não é possível abarcar o universo de acervos dessa natureza em todo o território brasileiro, foi imperativo fazer delimitações. Inicialmente foi feito um levantamento de museus brasileiros que possuem arte e cultura popular entre seus objetos. Para isso foi consultado o Cadastro Nacional de Museus do Ibram, acessível pela internet. Foram pesquisados os museus dessa natureza, a partir da busca pelas diversas tipologias possíveis, oferecidos pela base de dados: antropologia e etnografia, artes visuais, virtual, em todas as esferas (municipal, estadual, federal e privada), tendo como resultado total da soma dessas categorias, 1013 ocorrências. A seguir foi feita a busca por denominação da instituição. A consulta pela expressão 'museu de folclore' retornou 7 resultados (entre eles o Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro e o Museu de Folclore Saul Martins). Os termos 'cultura popular' resultaram em 5 ocorrências. A combinação "folclore e cultura popular" não ofereceu resultados; o termo artesanato retornou 1 instituição e 'arte popular', 6. A busca pelo termo arte, deu 121 resultados, o que requer que investiguemos futuramente, até que ponto existem exemplares da arte popular em seus acervos.

Partiu-se então para uma delimitação de campo a ser visitado ou consultado em suas bases de dados, quando possível. Inicialmente delimitou-se alguns estados, pela proximidade ou pelo acesso e trânsito mais fácil dos pesquisadores. Rio de Janeiro e São Paulo mostraram-se escolhas mais óbvias, pela proximidade geográfica. Salvador foi possível por conta de orientanda de mestrado que, por ser baiana⁹, viajava constantemente para lá, além de conhecer bem as instituições e as especificidades de seus acervos. Outra escolha recaiu sobre museus do Recife, pela tradição pernambucana na produção e divulgação das artes populares e pela facilidade de trânsito pessoal da pesquisadora, por já ter residido e trabalhado na capital pernambucana.

Nesse particular, outro recorte foi necessário. No Estado do Rio de Janeiro, elegeram-se as seguintes instituições: Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC), Museu Casa do Pontal¹⁰, Museu Raymundo Ottoni de Castro Maya - Chácara do Céu¹¹, Museu Nacional

⁹ Trata-se da museóloga Girlene Chagas Bulhões, mestre pelo Programa de Pós Graduação em Performances Culturais, onde foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG).

¹⁰ Neste Museu realizamos em 2016 uma visita técnica com os alunos da disciplina, professores e funcionários da UERJ. Agradecemos aqui a gentil acolhida da pesquisadora Angela Mascelani, diretora do Museu Casa do Pontal, e sua equipe.

¹¹ Levantamento realizado por Wesley Fontenele, mestrando do PPGARTES durante a realização da disciplina acima mencionada.

de Belas Artes e Museu de Arte do Rio¹², na capital, e o Museu de Artes e Tradições Populares, em Niterói¹³. Na cidade do Recife, os selecionados foram o Museu do Homem do Nordeste¹⁴, da Fundação Joaquim Nabuco e o Museu de Arte Popular.

Neste artigo faremos comentários apenas sobre alguns desses acervos. Os demais dados levantados ainda estão sendo organizados e sistematizados.

No Museu de Folclore Edison Carneiro (MFEC), que se encontrava fechado no momento, foi possível fazer a consulta na base de dados disponível online. Nessa consulta o termo diabo teve 381 ocorrências, aparecendo em quase todas as tipologias de acervos/documentos, conforme mostra a tabela abaixo, elaborada pela pesquisadora a partir dos resultados apresentados na busca:

Livros	Folhetos de cordel	Folhetos	Artigos de periódicos	Áudios(discos)	Vídeos	Imagens	Objetos museológicos	Recortes de jornal
27	233	2	26	23	5	5	51	9

Sobre a temática em pauta, um único exemplar foi encontrado durante a pesquisa de campo dos alunos da disciplina "Arte Popular nas Coleções de Museus", acima mencionada: uma gravura de 1962, de autor não identificado, do acervo do MAR. Contudo, em suas visitas para escolha dos acervos a serem analisados em seu trabalho final, fizeram descobertas e observações que vieram acrescentar importantes dados à pesquisa. A eleição de dois museus de arte – Museu da Chácara do Céu e Museu de Arte do Rio -, além de atender aos interesses das suas pesquisas de mestrado, propiciou investigar a dicotomia arte/artes populares, discutida no início deste texto, apontando para um indício de abertura para novas visões.

Em seu relatório de campo, Wesley Fontenele observa que "as peças de Arte Popular da coleção "Arte brasileira" do Museu Chácara do Céu são compostas por obras de Mestre Vitalino, Dedé, Zé Caboclo, Elias R. dos Santos, Socorro e Vitalino Filho" e que essa

¹² Levantamento realizado por Luiz Carlos Guimarães, mestrando do PPGARTES, durante a realização da disciplina acima mencionada.

¹³ Neste último o levantamento ainda não foi realizado.

¹⁴ Agradecemos especialmente aos museólogos Albino Barbosa e Henrique de Vasconcelos Cruz, e às estudantes de Museologia, Suzianne França e Silvana Vanzo, pelo atencioso atendimento.

obras “dividem o mesmo espaço de exposição com artistas ‘eruditos’ [...] como Guignard, Portinari, Volpi, Taunay e Debret”, o que possibilita observar

as obras de Arte Popular dos artistas mencionados acima ocupam o mesmo espaço da coleção "Arte brasileira" junto a artistas como Guignard, Portinari, Volpi, Taunay e Debret, o que possibilita ver, atravessando um pequeno corredor, as diferenças, especificidades e pontos de convergência do olhar dos artistas considerados "populares" e dos artistas "eruditos" sobre temas como: trabalho, festa, música, povo, religiosidade e fé.[...] Desta forma, a curadoria – a meu ver – tensiona a separação entre "popular" e "erudito", uma vez que esses dois universos (ou talvez apenas dois lados de uma mesma moeda) são apresentados juntos, lado a lado, em diferença, mas também em suas possibilidades de aproximação e convivência, nunca pacífica, é claro" (FONTENELE 2016, 2 e 3).

Com relação ao Museu de Arte do Rio (MAR), Luiz Carlos observa que o MAR, ao constituir seu acervo de arte, "não ignora as práticas artísticas mais comumente conhecidas como “arte popular”. Ele prossegue dizendo que a coleção do MAR "é pensada e estruturada [...], tendo em seu acervo obras de artistas que não são considerados “artistas populares”, mas sim artistas que têm o “popular” como matriz de seus trabalhos" (GUIMARÃES 2016, 2-3), e que “a arte popular mais tradicional, se assim podemos chamar, tem, todavia, importantes representantes”.

Nas exposições “Artistas como Chico da Silva, Heitor dos Prazeres, Véio convivem com bastões de congada e algumas obras de autores desconhecidos. Na exposição A cor do Brasil, por exemplo, a obra Feio (2013) de Veio estava exibida ao lado de pintura de Delson Uchôa, artista alagoano cujo trabalho se remete diretamente à tradição do bordado popular do nordeste. Diálogos dessa natureza, em que o popular não é apresentado como restrito a um determinado tipo de produção ou de produtor, são comuns à coleção e à curadoria do MAR” (GUIMARÃES 2016, 4).

No levantamento feito no Museu do Homem do Nordeste, obtivemos o seguinte resultado: 37 objetos museológicos, compreendendo esculturas figurativas em madeira, barro e ferro, indo desde "o anjo e demônio com o morto", "Casais dançando e o diabo olhando", rótulos de cachaça (Capeta), vários diabos negros. Nessa busca pelo termo diabo, a predominância recaiu sobre a representação do orixá Exu (19 ocorrências). Sobre essa predominância, falaremos mais adiante.

Algumas observações preliminares sobre o acervo encontrado

Tendo por base o levantamento feito nas instituições mencionadas, temos que as representações do diabo assumem as mais variadas formas e materiais, em diversificadas tipologias de acervo: folhetos de cordel, máscaras de Carnaval, e de diversos folguedos, e está muito representado na escultura figurativa, sobretudo em barro.

Nos folhetos de cordel há inúmeras histórias tendo o diabo como personagem principal ou coadjuvante. Contudo, as narrativas de cordel enfatizam o aspecto risível do diabo, em que na maioria das vezes ele é ludibriado pela astúcia humana, geralmente feminina.

Xilogravuras isoladas ou em capas de folhetos de cordel, trazem também as representações do diabo difundidas pela tradição católica: negro, com chifres e pés de bode, como no exemplar do acervo do MAR, apresentado pelo aluno Luiz Carlos Guimarães.

Nas máscaras de Carnaval, assim como nos exemplares de Folias de Reis, são comuns aquelas que acentuam os aspectos assustadores do personagem: chifres, fisionomia malévola, dentes caninos proeminentes.

É na escultura figurativa, em barro, madeira e outros materiais que o diabo assume definitivamente uma imagem mais risível. E é neste particular segmento que a arte popular vem perdendo terreno para as igrejas evangélicas. A demasiada preocupação com o diabo e com a idolatria tem feito com que muitos artesãos, famosos por sua arte figurativa, agora convertidos, estejam abandonando a representação tanto de santos e santas, quanto do diabo. Foi o que aconteceu com Leandro, de Barra na Bahia. Integrante da escola de Mestre Gérard¹⁵, renomado artista daquela cidade, que ficou conhecido por esculpir figuras híbridas de santos católicos e orixás, bem ao gosto do sincretismo baiano. Quando se converte à religião evangélica, deixa de produzir tais imagens¹⁶.

No acervo arrolado, uma representação foi predominante. Em todas as tipologias é frequente a representação do orixá Exu, como diabo, como comentou Wagner Chaves a respeito da Folia de Reis do Rio de Janeiro, onde os palhaços que simbolizam os soldados

¹⁵ Nascido José Geraldo Machado, na cidade de Barra, na Bahia em 1953. Para visualização de exemplares de sua obra Cf. <http://www.artedobrasil.com.br/jose_geraldo.html>.

¹⁶ No enredo do desfile de Carnaval de 2017 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, que versou sobre a religiosidade, uma de suas esculturas foi reproduzida em carro alegórico e sua mudança de rumo artístico foi mencionada nos comentários da jornalista. .

de Herodes são "associados a figuras do imaginário umbandista como os exus" (CHAVES 2008, 83).

Aqui, cabe ressaltar que a demonização do orixá Exu é das mais recorrentes nos acervos arrolados, destacando-se do conjunto, e merece comentários à parte. A bibliografia levantada sobre o tema também aponta para vários textos que discutem e questionam essas representações (PRANDI 2001; MOURÃO 2012; CORRÊA 2014).

Nas religiões de matriz africana inexistente a oposição bem e mal. Essa oposição, própria da civilização judaico cristã, como comentado mais acima, não está presente no panteão dos deuses/orixás africanos.

As relações entre os seres humanos e os deuses, como ocorre em outras antigas religiões politeístas, eram orientadas pelos preceitos sacrificiais e pelo tabu, e cada orixá tinha suas normas prescritivas e restritivas próprias aplicáveis aos seus devotos particulares, como ainda se observa no candomblé, não havendo um código de comportamento e valores único aplicável a toda a sociedade indistintamente, como no cristianismo, uma lei única que é a chave para o estabelecimento universal de um sistema que tudo classifica como sendo do bem ou do mal, em categorias mutuamente exclusivas (PRANDI 2001, 51).

Quando chegou ao Brasil colônia, o Catolicismo precisava inserir as práticas religiosas dos negros nos moldes da oposição bem e mal. Era preciso que os orixás se encaixassem nessa dualidade. Em sua maioria, segundo suas características 'bondosas', foram sincretizados com santos católicos e até com Jesus, como é o caso de Oxalá, e do "remoto e inatingível deus supremo Olorum dos iorubás [que] ajustou-se à concepção do deus Pai judaico-cristão" (PRANDI 2001, 51). Para preencher o lado mal dessa dicotomia judaico-cristã, a Exu, pelos seus atributos fortemente ligados à procriação e, por isso, à valorização da sexualidade, coube receber os atributos maléficis atribuídos ao diabo. Até mesmo as características próprias das deusas mães, como Yemanjá e Oxum, foram "atenuadas ou apagadas no culto brasileiro dessas deusas e passaram a compor a imagem pecaminosa de Pombagira, o Exu feminizado do Brasil, no outro pólo do modelo, em que Exu reina como o senhor do mal". Para bem desempenhar o papel de demônio a ele imputado, Exu teve que sofrer alterações em sua imagem.

Assim, num meio em que as conotações de ordem sexual eram fortemente reprimidas, o lado priápico de Exu foi muito dissimulado e em grande parte esquecido. Suas imagens brasileiras perderam o esplendor fálico do explícito Elegbara, disfarçando-se tanto quanto possível seus símbolos sexuais, pois mesmo sendo transformado em diabo, era então um diabo de cristãos, o que impôs uma inegável pudicícia que Exu não conheceu antes. Em troca ganhou chifres, rabo e até mesmo os

pés de bode próprios de demônios antigos e medievais dos católicos (PRANDI 2001, 52).

Na verdade, houve uma deturpação dos verdadeiros atributos daquele orixá, que é responsável por transportar as oferendas dos humanos aos demais orixás. Exerce o papel de mensageiro, repassando as ordens e orientações divinas aos seres humanos, sendo o mediador entre o mundo humano e o mundo divino, "sobretudo nas consultas oraculares". Nada se faz sem a sua intermediação. Pelo que se vê, é grande o poder de Exu. Além disso, "Exu é o patrono da cópula, que gera filhos e garante a continuidade do povo e a eternidade do homem" (PRANDI 2001, 50), representando assim enorme perigo para a manutenção da moral das famílias cristãs. Contudo, sua maior ameaça, tanto por implicações religiosas quanto sociais, reside em seu caráter de transformador: "Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a mudança". Não é pois de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu (PRANDI 2001, 50).

Não por acaso, os museus estão cheios dessa representação demonizada de Exu, via de regra, com a redução ou disfarce de seu atributo fálico, tão acentuado nas representações do orixá na arte africana.

Sobre isso, alguns incidentes vem sendo relatados por profissionais de museus. As constantes quebras 'acidentais' dos exus da anterior exposição de longa duração do Museu de Folclore Edison Carneiro, quando da limpeza do piso da exposição, realizada às segundas feiras, por exemplo.

Durante a pesquisa de campo realizada no Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), o museólogo Albino Barbosa de Oliveira Junior¹⁷, relatou que foi preciso retirar os Exus expostos na exposição de longa duração, devido a protestos de seguidores do Candomblé, para quem a demonização daquele orixá só o injustiça e desmerece os praticantes daquela religião. Fato que demonstra a atual preocupação dos que fazem a Museologia atual no Brasil, em dialogar com os detentores dos acervos e de seus interesses e significados próprios, independentemente da classificação atribuída aos objetos pela documentação museológica praticada à época de suas incorporações às coleções dos museus.

¹⁷ Coordenador de Museologia do MUHNE.

Outro fato que indica uma positiva mudança de postura e já apontado anteriormente neste texto, é a presença de acervos da chamada arte popular presentes nos museus denominados de arte. Este detalhe nos fala de um novo posicionamento das instituições museológicas voltadas para a preservação de acervos artísticos, em desalinhamento com as ideias dicotômicas e preconceituosas predominantes por tanto tempo nessas instituições. Este é um possível campo de investigação em Museologia, além de muitos outros.

O projeto de pesquisa do pós-doutorado deu margem a outros subprojetos, alguns em andamento e outros em elaboração. Um deles volta-se para um levantamento mais minucioso dos acervos que se inserem na temática em pauta, com vistas ao registro documental desses acervos, origem de sua formação e localização para futuros estudos e projetos, bem como para a curadoria e montagem de uma exposição temporária e/ou itinerante sobre as representações do diabo nesses acervos museológicos, proposta originalmente no projeto de pesquisa. Tal levantamento converteu-se no plano de trabalho intitulado “O Diabo vai ao Museu: levantamento e análise das representações do Diabo em museus brasileiros de cultura popular” em desenvolvimento por bolsista selecionado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UFG, no período de agosto de 2017 a agosto de 2018¹⁸. O tema inspirou também a apresentação de comunicação em Grupo de Trabalho de evento da área¹⁹, pelo mesmo bolsista. Em 2019, gerou outro projeto voltado para as representações da mesma figura nos museus portugueses de cultura popular, cuja pesquisa de campo foi realizado durante licença capacitação acolhida pela Universidade do Porto e supervisionada pela Profa. Dra. Alice Semedo, cujo artigo encontra-se em elaboração para futura publicação.

Como previsto na elaboração do projeto de pesquisa, o tema é candente e novo no olhar sobre os acervos. Excetuando-se o trabalho de Corrêa (2014) voltado para a musealização de objetos dos cultos denominados de magia negra e recolhidos como evidências criminais ao tempo em que a prática de cultos religiosos de matriz africana constituía-se em crime previsto no código penal brasileiro, não foram encontrados até o momento, estudos voltados para análise das representações do diabo nos acervos museológicos. A

¹⁸ Desenvolvido pelo bolsista Judivan Alves Ferreira, estudante do bacharelado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

¹⁹ GT13 - Patrimônio e memória da alteridade em coleções museológicas de arte e cultura populares -, no 3º Seminário Brasileiro de Museologia (3º Sebramus), cuja coordenação foi compartilhada com o Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima.

pesquisa mostrou que são várias as áreas que se debruçaram sobre a figura do demônio, desde a própria Teologia (MARTINS 2015), passando pela História (MESSEADIE 2001), pelas Ciências Sociais (PRANDI 2001; ALMEIDA 2004), pela Antropologia (CORRÊA 2014), pela Literatura (MENON 2008; GONÇALVES 2014; JEHA 2007; LOURENÇO 2009), pela música (TILLICH 1969) e pela arte em geral (MOURÃO 2012), para mencionar apenas alguns da bibliografia consultada.

Acreditamos que os museus e a Museologia desempenham importante papel na leitura e releituras possíveis dessa personagem tão famosa quanto temida, que é o diabo. Releituras que deixem claro que o diabo é uma categoria/construção cultural humana e como tal deve ser vista e compreendida em seu contexto histórico, a despeito das convergências ou divergências religiosas dos que organizam exposições e cuidam dos acervos museológicos, assim como dos seus públicos frequentadores.

Referências:

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna. *Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar. Centro de Estudos Sobre Intolerância*. Maringá : UEM. Nº 5, dez. 2004.

ARANTES, Otilia. "Os novos museus." **Novos Estudos CEBRAP**. N. 31, 1991, p. 161-169.

BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, HUCITEC, 1987.

CAMARGO, Robson C. Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. *Karpa*. 2012. Disponível em <<http://www.calstatela.edu/misc/karpa//KARPA6.1/Site%20Folder/robson1.html>> Acesso em 31 jul. 2016.

CHAVES, Wagner. Máscara, performance e mimesis: práticas rituais e significados dos palhaços das folias de santos reis. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro : UERJ. v. 5, n.1, p. 75- 88, 2008.

CLIFFORD, James. Colecionando Arte e Cultura. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.23. Rio de Janeiro: IPHAN,, 1997.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Um museu mefistofélico: museologização da magia negra no primeiro tombamento etnográfico no Brasil. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro : UERJ, v.11, n.1, p. 33-51, mai. 2014.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300 – 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEBORD, Guy. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro : Contraponto.

DICIONÁRIO de Sinônimos online. Verbetes: diabo. Disponível em <<http://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 1 out. 2015.

FONTENELE, Wesley. 2016. *Relatório da visita técnica ao Museu da Chácara do Céu*. Rio de Janeiro : PPGARTES/UERJ. Manuscrito.

DICIONÁRIO Aulete Digital. Verbetes: satã. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/analogico/sat%C3%A3/2/Sat%C3%A3>>. Acesso em: 17 out. 2015.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Coleção Museu, Memória e Cidadania. Rio de Janeiro, 2007.

GUIMARÃES, Luiz Carlos. 2016. *Relatório da visita técnica ao Museu de Arte do Rio*. Rio de Janeiro : PPGARTES/UERJ. Manuscrito.

JEHA, Julio. Monstros como metáforas do mal. *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG (2007): 9-31.

KOSUTH, Joseph. A arte depois da filosofia (1969). *Escritos de artistas: anos 60/70 I*. Seleção e comentários Glória Ferreira e Cecília Cotrim; [tradução de Pedro Süsskind ... et ai.). - Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2006.

LESSA, Orígenes. 1955. Literatura popular em versos. *Revista Anhembi*. São Paulo: IDESP, ano 6, v. 21, n. 61, p. 60-87, dez.

LIMA, Ricardo Gomes. Arte Popular. In: WERNECK, Fabiana Barcinski (org). *Sobre a arte brasileira: da Pré-história aos anos 1960*. São Paulo : wmf Martins Fontes: Edições sesc São Paulo. p. 324- 345.. 2014.

_____. Arte Popular e artesanato: falamos da mesma coisa? *Ciências Humanas e Sociedade em Revista*. Seropédica: UERJ. V. 31, n. 1, jan/jun. 2009.p. 97-111.

LIMA, Ricardo Gomes & WALDECK, Guacira. Arte Popular, mundo de “descobertas”. In: **Exposição no MASP**. São Paulo : MASP, 2016. Catálogo de exposição.

LOURENÇO, Marise Gândara. O diabo que encanta. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 92, janeiro de 2009 Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/092/92lourenco.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2016.

- MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do Coleccionismo. **Episteme**. Porto Alegre : UFRGS. N. 20. P. 13-23. Jan./jun. 2005.
- MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Biografia do diabo brasileiro*. Curitiba : A.D. Santos, 2015. 176 p.
- MASCELANI, Maria Angela dos Santos. Coleções, colecionadores e o mundo da arte popular. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. (tese de doutorado).
- MENON, Maurício Cesar. O DIABO: UM PERSONAGEM MULTIFACETADO. *Línguas e Letras - EXERCÍCIOS DE REFLEXÃO TEÓRICA E CRÍTICA*. 2008.p. 217-227.
- MESSEADIÉ, Gerald. *História geral do diabo: da antiguidade à época contemporânea*. Sintra: Publicações Europa-América, 2001. 433p.
- MOURÃO, Tadeu. *Encruzilhadas da cultura - imagens de Exu e Pombagira*. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2012. 204 p.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Para além de bem e mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. (Hermann Pflüger, trad.). Lisboa: Guimarães Editores. 1987
- OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. mai. O popular e o contemporâneo no museu de arte: coleções e narrativas. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro : UERJ, v.11, n.1, p. 129-141, mai. 2014.
- OLIVEIRA, Vânia de. Museus e performances culturais urbanas. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP. 22. 2013. Petrópolis. **Anais**. ANPAP, 2013.
- POMIAN, K. Coleção. In: RUGGIERO, R. Enciclopédia Einaudi. **Memória-história**. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *REVISTA USP*, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001.
- QUINTILIANO, Angela Maria Lucas. De Hades ao Diabo: uma reflexão sobre os significados das imagens no imaginário pós-moderno da figura do Diabo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano I, nº III. 2009. Curitiba : ANPUH.
- REIS, Daniel e LIMA, Ricardo Gomes. 2014. Editorial - Museus, cultura e arte populares no mundo contemporâneo. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares (TECAP)*. Rio de Janeiro : UERJ. v.11, n.1, p. 129-141, mai. 2014.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. São Paulo : Círculo do Livro S.A., .., 1984. 469 p.
- SANTO AGOSTINHO. **As confissões**. Quadrante-Sociedade de Publicações Culturais, 1999.

-----_____. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus (1995): 73.

SCHECHNER, Richard. "O que é performance?". In: **Performance studies: an introduccion**. 2 ed. New York & London: Routledge, p. 28-51.

SILVA, Minelvino Francisco. *Estória de João Cachaça: o homem que assombrou o diabo*. Itabuna : s/d. 9p.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. 4. 2012. Petrópolis. **Anais**. MAST/UNIRIO, 2012.

SOUTO MAIOR, Mário. *Território da danação: o diabo na cultura popular do nordeste*. Rio de Janeiro: S. Jose, 1975. 102 p.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974. 245p. ilustr. 21cm (Antropologia, 7).